

A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA NÃO ORALIZADAS NA ALFABETIZAÇÃO

LOPES, Karita Mayara Ferreira¹
SOUZA, Renata Herwig de Moraes²
GOMES, Wilson de Sousa³

RESUMO: A pesquisa aborda a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista TEA que não utilizam a fala como principal forma de comunicação nas escolas regulares. O objetivo é Apresentar estratégias e práticas pedagógicas que promovam a alfabetização de crianças com TEA no ambiente escolar. Assim, os objetivos se voltam para: investigar o papel de tecnologias assistivas e metodologias diferenciadas no atendimento de crianças não oralizadas na etapa da alfabetização e refletir sobre a formação docente, dando destaque sobre como o professor está sendo preparado para lidar com a diversidade de formas de comunicação, favorecendo o desenvolvimento acadêmico e emocional. A pesquisa se concentra em refletir sobre a temática inclusão e equidade, direitos humanos e educação no que tange o desenvolvimento integral da criança com TEA na alfabetização. A relevância do estudo é por propor repensar sobre a formação continuada e as estratégias pedagógicas que alcancem esses alunos, bem como, o impacto na comunidade escolar ao colocar em prática a utilização de ferramentas inclusivas para esse fim. Para alcançar o objetivo proposto, inicialmente optou-se por conduzir uma revisão da literatura. O estudo é bibliográfico com caráter qualitativo e exploratório O método utilizado foi qualitativo, baseado em pesquisa bibliográfica, com o objetivo de demonstrar, através de teorias, a relevância da inclusão de crianças não oralizadas com TEA na alfabetização. Com base nas pesquisas de Alves, A. & Alves, T. (2022), Edelson, Nascimento et. al. (2024), Aishworiya e Ma (2023), Saviani (2011), Togashi, Miharu (2020), dentre outros pesquisadores. Espera-se com essa pesquisa que possa desmistificar que a criança com TEA diagnosticado como severo e não oralizada pode ser alfabetizada.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista; Educação; Inclusão; Alfabetização.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás (UEG – UnU - Jussara).

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística na Universidade Federal de Goiás - UFG, UEG-UnU Jussara, renata.souza@ueg.br, docente orientadora.

³ Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás na Universidade Federal de Goiás – UFG, UEG- UnU Jussara, wilson.gomes@ueg.br, docente orientador.

INTODUÇÃO

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) não oralizadas no ambiente escolar regular é um desafio emergente na educação brasileira. Este projeto aborda a alfabetização desse público, com foco em estratégias pedagógicas que promovam o desenvolvimento acadêmico, emocional e social. De acordo com a Lei nº 12.764/12, que regular a pessoa com TEA como pessoa com deficiência, é imperativo que as instituições escolares adaptem suas práticas para atender às necessidades específicas dessas crianças, garantindo-lhes um ambiente inclusivo e equitativo.

O tema é justificado pela necessidade de superar preconceitos e barreiras estruturais que ainda limitam a inclusão efetiva dessas crianças no processo de alfabetização. Estudos apontam que práticas pedagógicas adaptadas, aliadas ao uso de tecnologias assistivas e à formação continuada de professores, podem favorecer a comunicação e o aprendizado de crianças com TEA severo. Essa abordagem não apenas contribui para o desenvolvimento acadêmico, mas também fortalece a socialização e a interação dessas crianças no ambiente escolar.

O problema desta pesquisa está centrado em identificar quais estratégias pedagógicas são mais eficazes para alfabetizar crianças com TEA não oralizadas e como a formação docente e as tecnologias assistivas podem ser integradas ao processo de ensino. Perguntas como "Quais métodos são mais adequados para promover a comunicação e a alfabetização?" e "Como capacitar professores para lidar com a diversidade comunicativa?" norteiam o estudo.

A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e exploratório. A metodologia envolve uma análise de artigos científicos, leis e diretrizes educacionais, com o objetivo de mapear práticas pedagógicas e recursos tecnológicos que atendam às especificidades desse público. O embasamento teórico se apoia em autores como Vygotsky e Piaget, que destacam a importância do ambiente social e da mediação pedagógica no desenvolvimento infantil.

A relevância deste estudo reside em contribuir para a formação de professores e gestores educacionais, propondo práticas inovadoras que possibilitem uma alfabetização inclusiva. Ao abordar a inclusão de crianças com TEA não oralizadas, este projeto visa não apenas promover a equidade educacional, mas também sensibilizar a comunidade escolar sobre o



potencial dessas crianças, desmistificando as limitações associadas ao transtorno.

Os objetivos desta pesquisa é investigar o papel das tecnologias assistivas na alfabetização de crianças com TEA não oralizadas, refletir sobre a formação docente para atender às necessidades desse público e apresentar práticas pedagógicas que favorecem a comunicação e a aprendizagem de forma inclusiva. Com isso, é esperado avançar na construção de um ambiente escolar que acolha e valorize a diversidade, fortalecendo os direitos humanos e a inclusão educacional.

DESENVOLVIMENTO

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) não oralizadas no processo de alfabetização exige uma abordagem pedagógica diferenciada, que considere as necessidades específicas desses alunos. A literatura aponta que crianças com TEA podem apresentar dificuldades significativas na aquisição da linguagem, principalmente aquelas que não utilizam a fala como principal forma de comunicação. A não oralização pode dificultar a comunicação e impactar o processo de alfabetização. A inclusão dessas crianças no ambiente escolar regular, portanto, requer práticas pedagógicas adaptadas, além de um forte apoio de tecnologias assistivas e da formação continuada dos professores.

A alfabetização de crianças com TEA, especialmente aquelas não oralizadas, é um desafio para as escolas regulares. A não oralização é uma das características comuns de crianças com TEA grave, o que implica em dificuldades na comunicação verbal e no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. De acordo com Vygotsky (1987), o processo de aprendizagem ocorre por meio da mediação social, ou seja, a interação com adultos e colegas mais capacitados. No caso das crianças com TEA, o papel do educador é fundamental na ampliação da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), conceito central de Vygotsky, que define a distância entre o que a criança pode fazer sozinha e o que pode alcançar com o auxílio de um mediador. Para as crianças com TEA não oralizadas, essa mediação deve ser cuidadosamente planejada, utilizando recursos alternativos de comunicação e abordagens pedagógicas diferenciadas.

Piaget (1971), embora focado em crianças neurotípicas, oferece insights valiosos sobre o desenvolvimento cognitivo, destacando que o processo de aprendizagem ocorre em estágios.



Para crianças com TEA, os estágios de desenvolvimento cognitivo podem ser mais lentos ou seguir um padrão diferente. Por isso, a alfabetização deve ser adaptada ao nível de desenvolvimento de cada criança, respeitando suas capacidades e ritmo de aprendizagem. A alfabetização, para essas crianças, deve ser vista como um processo gradual e individualizado, levando em conta suas dificuldades específicas e oferecendo práticas que favoreçam seu desenvolvimento.

O uso de tecnologias assistivas é fundamental para a inclusão efetiva das crianças com TEA. Ferramentas como softwares de comunicação alternativa, dispositivos de leitura adaptados e outros recursos tecnológicos ajudam a suprir a falta de comunicação verbal, proporcionando uma via alternativa de interação e aprendizado. Edelson (2023) destaca que as tecnologias emergentes são essenciais para ampliar as capacidades acadêmicas e sociais das crianças com TEA, especialmente no contexto da alfabetização. Estas tecnologias não apenas ajudam na comunicação, mas também no desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais.

A alfabetização de crianças com TEA, especialmente aquelas não oralizadas, exige um enfoque pedagógico que reconheça as dificuldades de comunicação e adaptação das crianças no ambiente escolar. A mediação pedagógica desempenha um papel essencial nesse processo, como Vygotsky (1987) explica:

O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, como a linguagem, o pensamento, a memória, ocorre por meio da interação social. A criança não se desenvolve isoladamente, mas, ao contrário, através de um processo de mediação com o outro, mais capaz, que auxilia na construção do conhecimento. A aprendizagem não pode ser vista apenas como uma questão de aprendizado individual, mas como algo que se dá no contexto social e cultural. (VYGOTSKY, 1987, p. 67)

Esse processo de mediação e a interação com o ambiente social são fundamentais para a alfabetização de crianças com TEA, pois elas precisam de uma adaptação nas abordagens tradicionais de ensino para facilitar sua comunicação e aprendizado. Ademais, práticas pedagógicas como o Currículo Funcional Natural (Togashi, 2020), que priorizam o ensino de habilidades funcionais, têm se mostrado eficazes na inclusão de crianças com TEA. Essa abordagem permite que o currículo escolar seja ajustado às necessidades específicas de cada



aluno, com atividades que envolvem o aprendizado de habilidades de comunicação, leitura e escrita, mas de uma forma que respeite as particularidades das crianças com TEA.

A formação continuada dos professores é essencial para o sucesso da inclusão. Alves (2022) argumenta que a falta de preparação dos educadores para lidar com a diversidade na sala de aula é um dos maiores obstáculos para a inclusão efetiva de crianças com TEA. Para que os professores possam atender às necessidades dessas crianças, é necessário que recebam treinamento específico, tanto em relação ao TEA quanto ao uso de metodologias inclusivas e tecnologias assistivas. A formação contínua permite que os docentes se atualizem sobre as melhores práticas pedagógicas e possam adaptar suas estratégias de ensino para garantir que todos os alunos, independentemente de suas dificuldades, tenham a oportunidade de aprender de forma equitativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização de crianças com TEA não oralizadas é um processo complexo que exige a adaptação das práticas pedagógicas e o uso de tecnologias assistivas para garantir uma educação de qualidade. A teoria de Vygotsky, com sua ênfase na mediação pedagógica e na Zona de Desenvolvimento Proximal, oferece uma base sólida para entender como os educadores podem apoiar o desenvolvimento dessas crianças, criando um ambiente de aprendizagem inclusivo. Da mesma forma, a teoria de Piaget, adaptada para as especificidades das crianças com TEA, pode ajudar a entender os diferentes estágios de desenvolvimento cognitivo e a importância de ajustar as atividades de alfabetização a esses estágios.

Além disso, as tecnologias assistivas desempenham um papel fundamental na inclusão, ajudando a suprir as dificuldades de comunicação e facilitando a aprendizagem das crianças com TEA. Práticas pedagógicas como o Currículo Funcional Natural, bem como a capacitação contínua dos professores, são essenciais para garantir que todas as crianças, independentemente de suas limitações, tenham acesso a um ambiente educacional que favoreça seu desenvolvimento acadêmico e social.

A pesquisa destaca a necessidade de uma abordagem integrada, que envolva tanto as estratégias pedagógicas quanto o uso de tecnologias e a formação docente, para que as crianças com TEA não oralizadas possam ser incluídas de forma plena no processo de



alfabetização. A inclusão, assim, se configura como um direito, mas também como uma responsabilidade coletiva, que envolve a escola, os educadores, as famílias e a sociedade.

REFERÊNCIAS

- AISHWORIYA, Ramkumar; MA, Van Kim. **Fazendo um balanço em frente**: a necessidade de considerar a influência da perda de acompanhamento na pesquisa da triagem do autismo. *Revista de Psicologia Infantil e Psiquiatria*, 2023. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/17304/5/Tese%20-%20Cl%C3%A1udia%20Miharu%20Togashi%20-%202020%20-%20Completa.pdf>. Acesso em 15 de nov. de 2024.
- Alves, A., & Alves, T. **O autismo e o psicólogo na psicologia clínica**. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 2022, p.201–218. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v8i2.4162>. Acesso em: 15 de nov. de 2024.
- BRASIL. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2012/l12664.htm. Acesso em: 6 dez. 2024.
- EDELSON, Stephen M. **História do autismo e o desenvolvimento de práticas inclusivas**: promovendo empatia e conscientização por meio do Museu do Autismo. Autism Research Institute, 2023.
- Piaget, J. **Psicologia e pedagogia**. São Paulo: Editora Pedagógica, 1971.
- Vygotsky, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- TOGASHI, Cláudia Miharu. Currículo funcional natural: propondo práticas pedagógicas no atendimento educacional especializado. 2020. 111 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/17304>. Acesso: 15 de nov. de 2024.